

940
JOÃO MELCHIADES F. DA SILVA

Cantor da Borborema



**Combate de José Colatino
com o Carranca do Piauhý**

Como o sargento Machado foi ven-
cido em Cacimba de dentro
por Belmiro Costa

*Brevemente a continuação da
Historia de João de Calais*

Preço: 1\$000

1910 - 1911 - 1912 (940)

Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí

Colatino

Vamos ouvir a história
De um rapaz valentão
Que andava de casa em casa
A procura de questão
Era o José Colatino
Que tinha esta inclinação

O capitão Deodato
Morava no Quixadá
Era um homem muito rico
Dizia para notar
Que era a sua família
A mais branca do Ceará

O capitão tinha uma filha
Mas, se ouvia o povo dizer
Que noivo para Chiquinha
Era difícil aparecer
Parecia que o velho tinha
A filha para vender

Depois de escolher muitos noivos
Pela sorte ou destino
Apareceu um rapaz
Mocinho, quase menino
Então casou-se Chiquinha
Com o José Colatino

José era um rapaz
Que não tinha comportamento
Antes de ser valentão
Justou logo casamento
Com 16 anos de idade
Quase ainda em crescimento

Chiquinha era bôa moça
Tratava bem do marido
Porem José Colatino
Empregou o seu sentido
Arrotando valentia
Tornou-se um rapaz perdido

Um dia José Colatino
Chegou a inclinação
Disse: Chiquinha eu agora
Sou homem de posição
Quem chegar á minha porta
E' com o chapéo na mão

Chiquinha disse: José
Repara primeiramente
Olha que no Ceará
Tem muita gente valente
Vamos fazer nossos queijos
Não queira ser insolente

Chiquinha, eu tenho coragem
Fiado numa oração
Quando boto-a no pescoço
Fico logo valentão
Você vai ver este povo
Como me toma a benção

Chiquinha poz-se a chorar
Com muita pena dizia:
— José eu tenho desgosto
Desta tua valentia
Que só vem me dar trabalho
Casei porque não sabia

Uma noite José Colatino
Na festa do Quixadá
Perdeu dinheiro no Jogo
Porque não sabia jogar
Fez o primeiro barulho
Deu começo a seu azar

José apagou a luz
Rasgou cartas do baralho
Virou mesa quebrou louça
Fazendo grande esbandalho
Quiz dar no dono da casa
Para mostrar seu trabalho

Então o dono da casa
Não alizava menino
Disse: este malcreado
Eu quero dar-lhe um ensino
Deu uma surra de pau
No tal José Colatino

O capitão Deodato
Ficou muito conspirado
Porque seu genro Zezinho
Se achava disfeitiado
Mas disseram que o rapaz
Ele mesmo foi culpado

Depois José Colatino
Foi dar em um inspetor
Porque não tinha cercado
A casa do jogador
José levou outra surra
Para não ser agressor

Colatino estava na feira
E queria dar num soldado
Ainda abanou os queixos
De um sub-delegado
Levou a terceira surra
Ficou muito maltratado

O capitão Deodato
Estava mais digostoso
Disse: meu genro Zezinho
Inda briga de teimoso
Quer brigar sem ter idade
Não pode com criminoso

Dopois foi visto José
Na beira duma estrada
Emboseando um espetor
Armado de uma espingarda
Levou a quarta surra
A arma lhe foi tomada

José chegou em casa
Gritando muito zangado
Disse: Chiquinha eu agora
Só não matei um safado
Porque me tomou a arma
Mas pegou-me descuidado

Chiquinha disse: José
Tú vás te acomodar
Tú és ainda um menino
Não sabes o que é brigar
Ou tú endireita esta vida
Ou morrer de apanhar

Chiquinha eu vou embora
Sahir no mundo a brigar
Eu quando vejo um barbado
Minha vontade é matar
Só com sessenta processo
E' quando eu posso voltar

Seguiu José Colatino
Nas feiras onde passava
Queria mostrar coragem
A todo mundo insultava
No barulho de fim de feira
Sempre José apanhava

Onde José via uma teima
Queria ser muito mau
Gritava: que é isto aqui?
Eu já meto o bacalhau
Eu aqui não vejo homem
Com pouco estava no pau

José voltou com dois anos
Das fronteiras do estado
Com noventa e nove pias
Que o povo tinha lhe dado
O capitão Deodato
De tudo estava informado

O capitão Deodato
Arrojou-se nesta hora
Disse: senhor Colatino
Aqui o senhor não mora
Se suma da minha vista
Desde já pode ir embora

Por sua causa minha familia
Está muito enjuriada
E você levando pisa
Sem nem uma ser vingada
Não me serve ter um genro
Feito armazem de pancada

Colatino disse: Chiquinha
O Quixadá não tem vantagem
Você fique com seu pai
Que eu vou uma viagem
Até encontrar um homem
Que agoente minha coragem

Nesta terra não tem homem
Que eu me ocupe a brigar
Vou caçar um valentão
Que faça eu me zangar
Chiquinha, eu do Piauí
Inda manda lhe buscar

José montou a cavalo
Mas cheio de animação
Se despediu de Chiquinha
Depois que apertou-lhe a mão
Marchou ppara Piauí
Castigar algum valentão

Neste tempo no Piauí
Em cidade de Ueira
Havia um valentão
Que veio de uma fronteira
Vivia dando de peia
Em toda aquela ribeira

Todo povo tinha medo
Da cara do valentão,
Pois a vassoura da barba
Preso pelo cinturão,
Quando ele assanhava a barba
Atropelava o sertão.

Dizia que estava em guerra
Andava de perna manca
Carregava um punhal
Do tamanho d'uma lavanca
O povo só lhe chamava
O comandante Carranca

Os bigodes do Carranca
Tinha as pontas estiradas
Que por detraz das orelhas
Ele dava nós de laçadas
Quando ele ia dar em gente
As barbas estavam assanhadas

As moças desta cidade
Só justavam casamento
No dia que o Carranca
Dêsse o seu consentimento
Governava as casas aleias
Com crime e atrevimento

Toda casa de negocio
Só comprava e só vendia
Se o Carranca quizesse
Isso mesmo consentia
Que os caixeiros vendessem
Em cada semana um dia

Assim estava este povo
Sujeito a este assassino
Apanhava do Carranca
Homem, mulher e menino
Quando ninguem esperava
Chegou José Colatino

Entrou José Colatino
Fedendo a chifre queimado
Não achando venda aberta
Perguntou admirado
Por qual motivo a cidade
Tinha e comercio feichado

Saiu-lhe uma mlher
Que lhe deu explcação
Dizendo: fale mais baixo
Que aqui tem um valentão
Que mata só com a vista
E' a fera do sertão

A riqueza dos fazendeiros
Carranca já tem tomado
Obrigou aos homens ricos
Lhe trabalhar alugado
As moças não casam mais
O povo está assombrado

Se o senhor quer escapar
Corra, vá se esconder
Pois só a barba do homem
Faz todo mundo tremer
Carrega as moças que quer
Quem falar tem de morrer

Colatino disse: dona
Onde mora este safado?
Agora mesmo vou dar-lhe
Porque estou destinado
A' arrancar o cavanhaque
D'um criminoso barbado

O povo abriram as portas
Fazendo reunião
Colatino deu dois tiros
Insultando o valentão
O Carranca vinha chegando
Urrando que só leão

O Carranca assanhou a barba
Gritou com a cara feia:
Canalha, sem minha ordem
Na rua ninguém passeia
Quem mandou abrir as portas
Dou-lhe uma surra de peia

José pulou na frente
Disse: está bêbado assassino
Barbado cara de sola
Ladrão perverso e mofino;
Prepare-se pra morrer
Nas mãos de Zé Colatino

Eu venho do Ceará
Nunca temi a ninguém
Quando pego um criminoso
É o dia que passo bem
Tenho 99 nas costas
Estou doido pra enterar cem

Colatino já estava
Acostumado apanhar
Se Carranca puxasse as armas
Ele ia se ajoelhar
Mas, Carranca esmoreceu
Que não podia falar

Com pouco Zé Colatino
Gritava mais animado
— Me traga um pouco de gaz
O Carranca está pegado
Que eu quero tocar fogo
Nas barbas deste danado

O cavanhaque do Carranca
José enrolou na mão
Cuspiu na cara do bruto
Deu-lhe mais um empurrão
Carranca estava tremendo
Que as armas caíram da mão

O Carranca arrependeu-se
De se meter no cangaço
Sentiu a faca nas barbas
Com violento talhaço
Viu que do seu cavanhaque
José tirou um pedaço

O Carranca não tinha visto
Falar em tanta vantagem
José com noventa e nove
Se era morto ou pabulagem
Assombrou-se com os gritos
Pensando que era coragem

O Carranca abriu da perna
Saiu coberto de poeira
Colatino atirou-lhe
Deu-lhe mais uma carreira
Carranca entrou na mata
Passou quabrando madeira

Ficou Jose Colatino
Como chefe respeitado
Entregou as terras todas
Que Carranca tinha tomado
E mandou prender o Carranca
Que morreu sentenciado

Após José Colatino
Muito rico e delicado
Escreveu para Chiquinha
Que viesse a seu chamado
E na cidade de Ueira
Foram viver descansado.

F I M

2185

Lgrimas fingidas

SONETO

Uma mulher se julgando bem casada
Aborreceu o amor de seu marido
Arrumou um amante mais querido
Para o consôlo da vida debochada

Estava em boca do povo tão falada
O marido de desgoste adoeceu
De maltrato conforme faleceu
Ela fez que sentia de malvada

Fez buzina e chorou com tal lamento
Para o povo pensar que ela sentia
Aumentou muito mais o fingimento

Quando o corpo baixou a campa fria
Ela espremia os olhos com talento
Mas, um pingô de lagrima não caía.

João Melchíades



"FOLHETARIA SILVA"



TIP. "S. FRANCISCO"

DE

JOSE BDO. DA SILVA

Mantém um variado e completo sortimento de Romances, folhetos, novenas, orações, etc.

Executa com perfeição e brevidade todo e qualquer trabalho concernente a arte gráfica

RUA SANTA LUZIA, N.º 269, 285.
JUAZEIRO — CEARA'

AGENCIA EM SOBRAL:

"CASA SENNA"

DE
MANOEL ALVES DE SENNA

RUA BARÃO DO RIO BRANCO, N.º 31
SOBRAL' — CEARA'

Enviamos pelo correio qualquer quantidade de livros para qualquer Estado do país desde que os pedidos venham acompanhados das respectivas importancias.